

Era inevitável que Priestley dedicasse um bom espaço às teorias do tempo de J. W. Dunne — teorias que causaram grande agitação na década de 1930 e inspiraram três peças de teatro do próprio Priestley. Em *An Experiment with Time*, Dunne diz que ficava intrigado com a precisão de alguns de seus sonhos. Sonhou que o relógio tinha parado às quatro e meia, e tinha mesmo. Na manhã seguinte, comparando as horas de seu relógio com as de outro, percebeu que o seu havia parado poucos minutos antes de ele acordar e descobrir que tinha parado. Num livro póstumo, *Intrusions*, diz que uma grande multidão gritava “Veja! Veja!” para ele, no final do sonho. Foi igualmente bem-sucedida uma tentativa realizada posteriormente, de “ver” as horas de olhos fechados e cochilando. Mais tarde, sonhou com a erupção de um vulcão, e depois leu num jornal a respeito daquela erupção na Martinica. A notícia falava em cerca de 40 mil mortos, e no seu sonho Dunne soubera de apenas 4 mil. Alguns dias depois, comprovou-se que o jornal estava errado quanto ao número. Foi o que bastou para Dunne convencer-se de que não sonhara com a erupção propriamente, mas com a manchete do jornal e seu número incorreto. (Teria lido mal: 40.000 como sendo 4.000.) Deu então início a uma nova experiência, mantendo sempre lápis e papel ao lado da cama, e escrevendo sobre os sonhos incomuns ao despertar. O resultado o convenceu de que ele muitas vezes sonhava com coisas que aconteceriam no futuro.

Dunne era homem inteligente, um engenheiro aeronáutico dotado de interesse amadorístico pela física e pela matemática, de modo que procurou elaborar uma teoria que se ajustasse às idéias “relativísticas” do tempo formuladas por Einstein. Na época, o resultado convenceu muita gente, mas desde então vem perdendo terreno constantemente. O que ele afirma é aproximadamente o seguinte. Se o tempo é algo que flui ou passa, então deve haver outro tipo de tempo pelo qual se mede a velocidade do tempo. E por certo haverá um terceiro tempo para medir a velocidade do Tempo II. Não obstante, essa intrigante afirmativa não tem muita importância em sua tese central, segundo a qual os seres humanos também são dotados de vários níveis. Existe o “eu” que vive e sofre minha vida. Existe outro “eu” que tem consciência desse primeiro “eu” e que aparece quando falo do “meu eu”. Para Dunne, é provável que haja uma interminável série de “eus”. É esse segundo “eu”, independente, que existe no Tempo II e que tem condições de olhar para trás e para a frente no tempo.

Ao explicar sua estranha afirmativa, Dunne faz outra suposição. Imagine-se que tudo o que ocorra em minha vida se grave numa série de fotografias, como um filme a cores que comece com meu nascimento e termine quando eu morrer. Se meu viver for monótono e passivo, como o de um boi, o filme seria de péssima qualidade. Com efeito, “presto atenção” em algumas coisas e ignoro outras. Portanto, existe um “eu” que deriva pela vida apenas a “olhar”, e outro “eu” que dirige a atenção para alguma coisa que eu vejo e não dirige para outras. Dunne chama este segundo observador de “mente”. Em condições normais, é estreito o leque de opções — os fatos de minha vida

— que se apresenta diante da “mente”. Mas quando durmo, diz Dunne, ela não dispõe de nada em que se concentrar, e pode ocupar o tempo olhando para o passado ou para o futuro.

Por fim, ele declara a existência de uma Mente Universal, da qual as mentes individuais seriam pequenos aspectos. E nesse ponto podemos deixá-lo de lado, pois evidentemente acaba de adentrar um tipo de misticismo que nada acrescentaria à nossa discussão.

Priestley toma Dunne como ponto de partida, e apresenta indicações interessantes. Rejeita a idéia de um número infinito de “eus”, assinalando que precisamos de apenas três. Existe o “eu” que apenas observa, inexpressivo, aquele que existe quando dirijo o olhar para fora da janela do trem, meio dormindo, apenas a gravar a paisagem que passa. O segundo “eu” aparece no instante em que me recomponho e começo a refletir sobre o que vejo — se, por exemplo, passo por algum lugar que me interessa muito e eu olho com intensidade, procurando alguma coisa —; este é o “eu” que julga e observa diferenças. E existe o terceiro “eu” que em geral observa os outros dois. Pois se consigo observar o segundo “eu”, deve então haver um terceiro. Priestley dá um bom exemplo dos três “eus”. Numa viagem aérea, “Eu I” ouve sons desagradáveis no avião e se sente atirado com violência para fora da poltrona. Com o acidente, “Eu II” passa a existir e nota que algo está errado (ou seja, julga a situação ao invés de observá-la passivamente). Friamente, “Eu III” começa a pensar que dentro de pouquíssimo tempo conhecerá a sensação de ser queimado vivo.

Quanto ao tempo propriamente, Priestley diz que talvez haja três variedades. Há o tempo comum que passa enquanto me ocupo com os afazeres comuns. Há o “tempo” de que tomo consciência em momentos de quietude e contemplação — por exemplo, o que sentiu Arnold Toynbee no instante em que teve consciência de toda a história. E existe uma espécie de tempo que aparentemente consigo controlar nas horas de grande intensidade: o tempo que vivo quando me apresento intensamente criativo. A respeito do segundo tipo de tempo ele escreve:

(...) Lembro-me de que parei defronte uma grande e bonita peixaria. Ao olhar para as escamas, as nadadeiras e os olhos redondos, de aspecto indignado mesmo após a morte, eu me perdi, e perdi todo o sentido do tempo que passa, numa visão de peixes, de todas as praias e todos os mares do mundo, das misteriosas profundezas e do encanto da vida oceânica. Tal visão de modo algum relacionava-se comigo. Meu ego se perdia dentro dela. E os verdadeiros poetas, creio eu, sempre devem ter visões de ausência de ego e de tempo como essa. Comigo só acontecia raramente: podiam ser provocados quando eu via algo, como aqueles peixes a rebrilhar na superfície de marmore, ou quando eu ouvia alguém dizer “França” ou “Itália”, ou simplesmente à leitura das palavras “século XVIII”. Mas proporcionavam-me de imediato uma sensação de absoluta variedade e riqueza, bem como da maravilha que é a vida cá na terra (pág. 289).